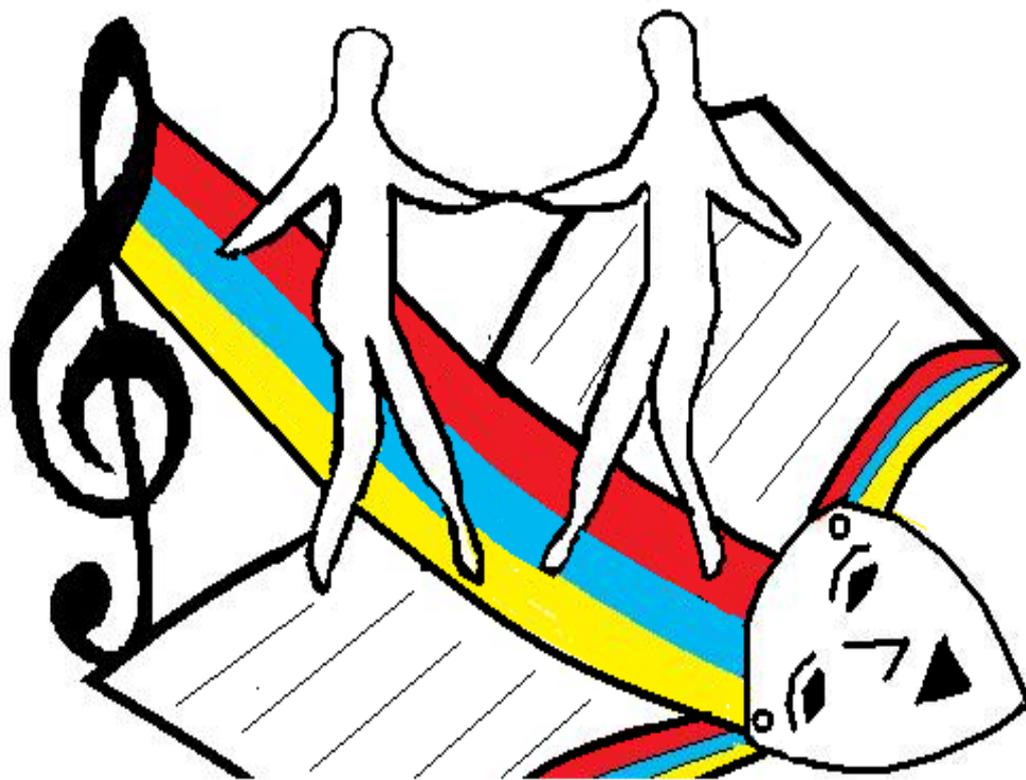


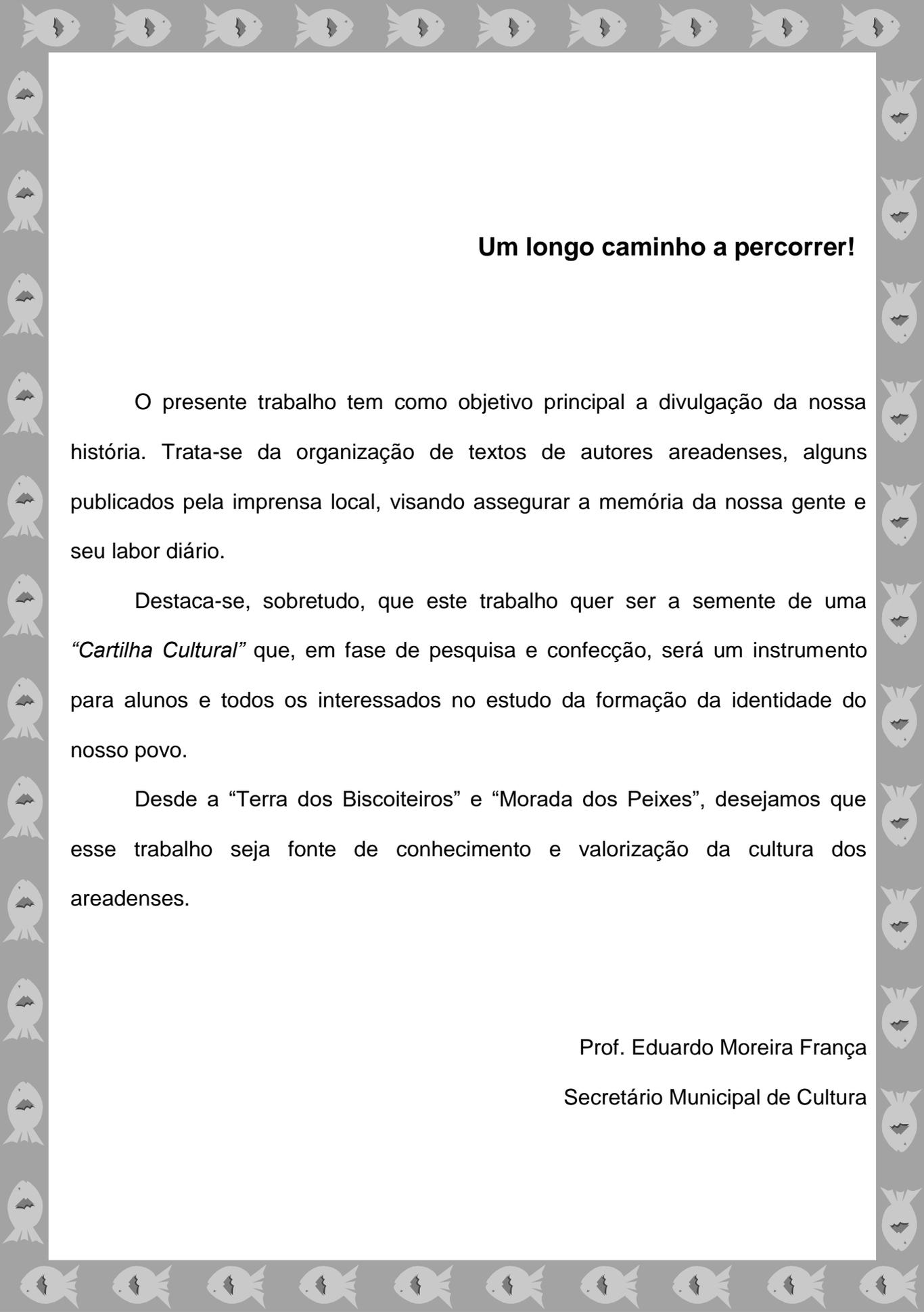
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA



AREADO - MG



2013



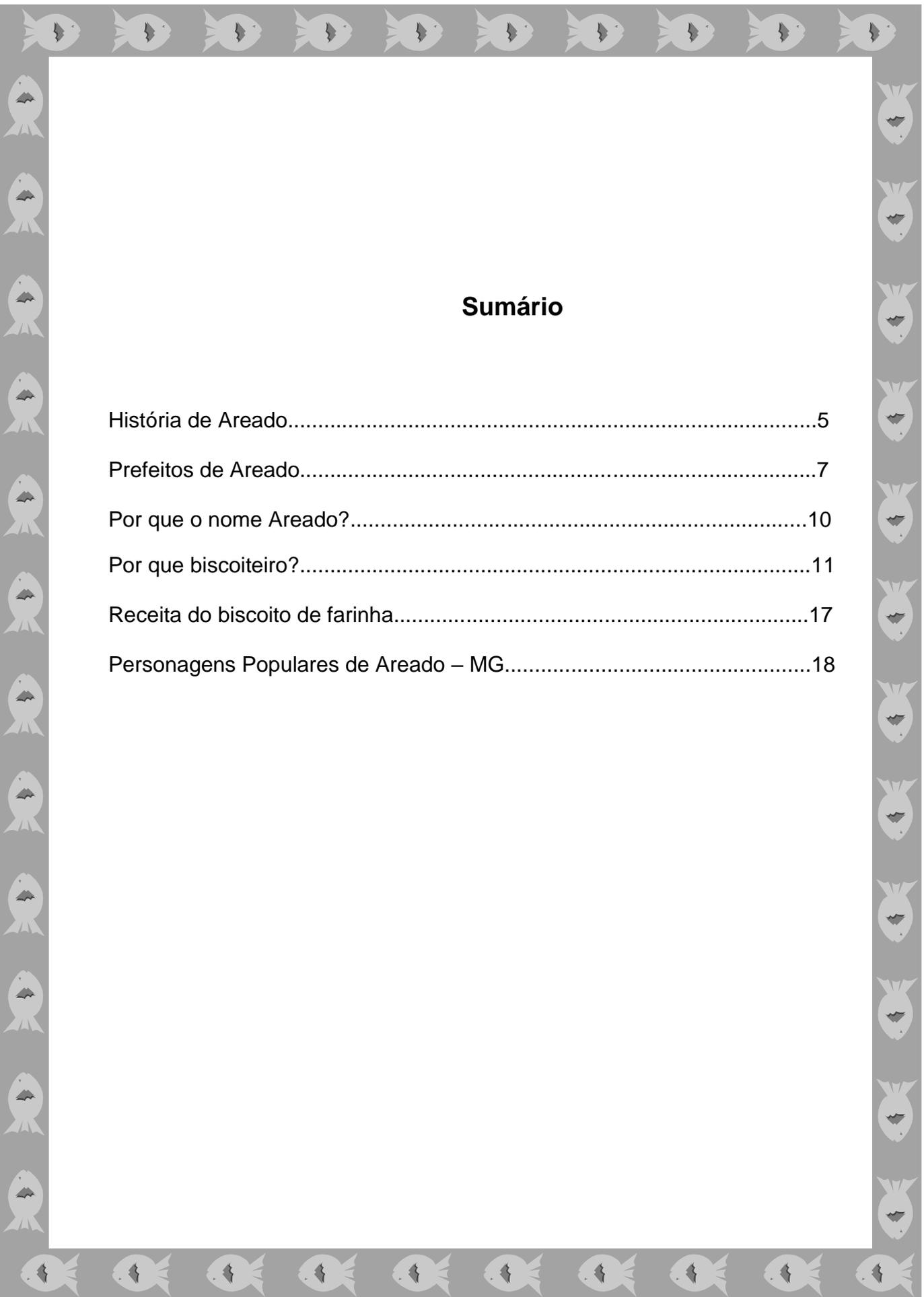
Um longo caminho a percorrer!

O presente trabalho tem como objetivo principal a divulgação da nossa história. Trata-se da organização de textos de autores areadenses, alguns publicados pela imprensa local, visando assegurar a memória da nossa gente e seu labor diário.

Destaca-se, sobretudo, que este trabalho quer ser a semente de uma “*Cartilha Cultural*” que, em fase de pesquisa e confecção, será um instrumento para alunos e todos os interessados no estudo da formação da identidade do nosso povo.

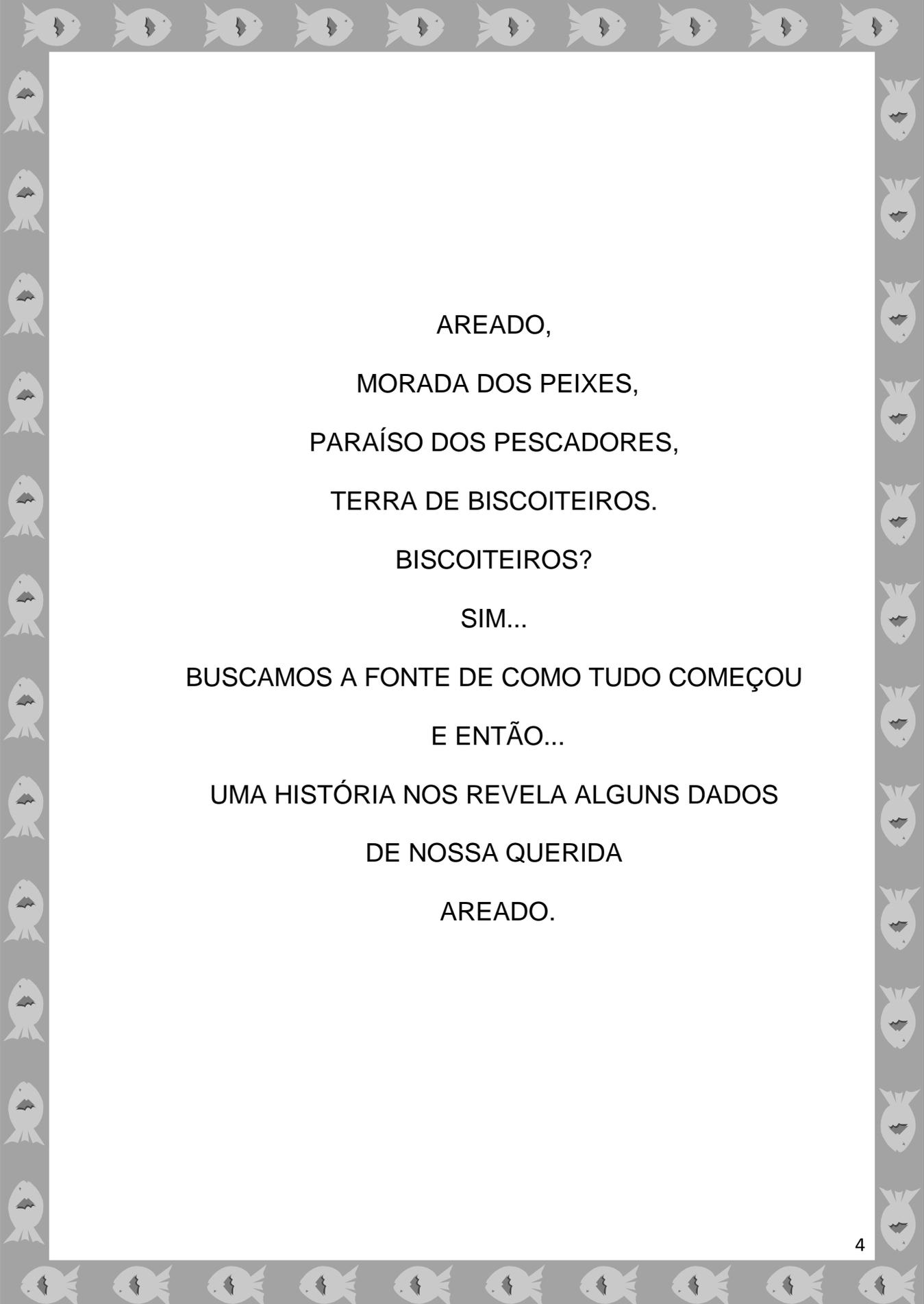
Desde a “Terra dos Biscoiteiros” e “Morada dos Peixes”, desejamos que esse trabalho seja fonte de conhecimento e valorização da cultura dos areadenses.

Prof. Eduardo Moreira França
Secretário Municipal de Cultura



Sumário

História de Areado.....	5
Prefeitos de Areado.....	7
Por que o nome Areado?.....	10
Por que biscoiteiro?.....	11
Receita do biscoito de farinha.....	17
Personagens Populares de Areado – MG.....	18



AREADO,
MORADA DOS PEIXES,
PARAÍSO DOS PESCADORES,
TERRA DE BISCOITEIROS.

BISCOITEIROS?

SIM...

BUSCAMOS A FONTE DE COMO TUDO COMEÇOU

E ENTÃO...

UMA HISTÓRIA NOS REVELA ALGUNS DADOS

DE NOSSA QUERIDA

AREADO.

História de Areado

A povoação areadense foi fundada aos 25 dias do mês de abril de 1823, pelo Guarda-Mor José Joaquim da Cunha Bastos, juntamente com Antonio dos Reis Rosa e João Marques de Araújo, sendo esses dois últimos, os doadores da área aproximada de quinhentos hectares, que serviriam para o assentamento inicial dos primeiros habitantes.

Os desbravadores, idealizadores e generosos cidadãos referidos, cuja memória respeitosamente reverenciamos, abriram uma clareira em plena mata densa e edificaram uma capela que seria o primeiro marco da cidade de Areado.

A agricultura fixou os recém-chegados ao solo produtivo e experiências pioneiras foram feitas, então, com o plantio do trigo e do centeio. Depois tiveram êxito as culturas da cana-de-açúcar, fumo e algodão. Como atividade auxiliar, a criação de gado de corte e leiteiro.

Naquele tempo, as casas eram de pau-a-pique, posteriormente substituídas pelas de adobo, feitas de uma espécie de tijolo de barro, sendo certo que algumas ainda existem até hoje.

Já naquela época, a vocação para o desenvolvimento do artesanato florescia para suprir as necessidades de utensílios, vestimentas, instrumentos, fiação em roca, tecelagem manual, manufatura em couro, cerâmica e outras.

No dia 23 de abril de 1823, o Padre Venâncio José Siqueira rezou a primeira missa, cuja data acabou ficando admitida como a de fundação da cidade, com o nome de São Sebastião do Areado.

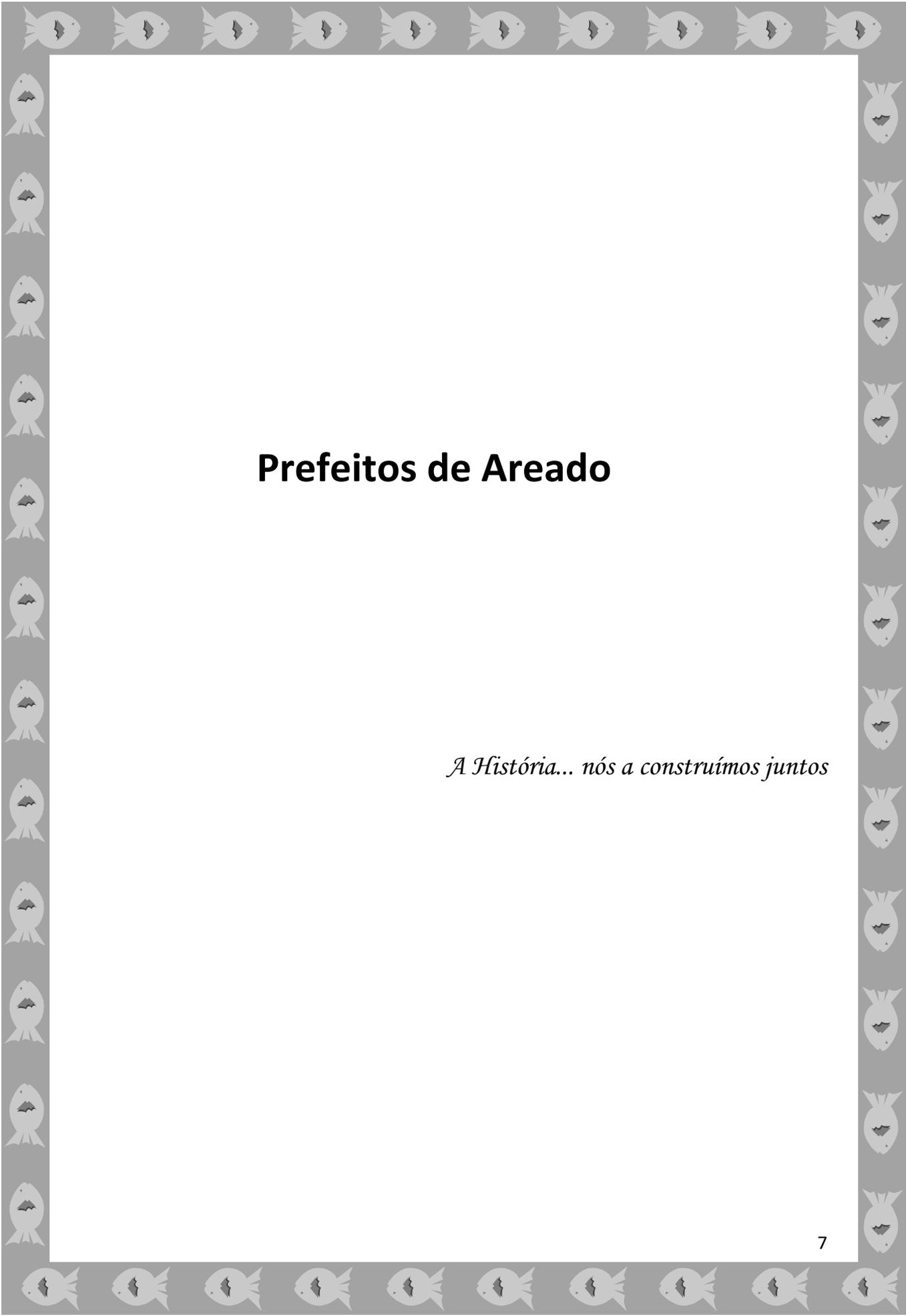
Em 1859, o bispo de São Paulo, Dom Antonio de Melo, elevou a capela a Curato, sendo canonicamente provida, doze anos mais tarde, em 1871. No mesmo ano, o Curato foi elevado à freguesia, tendo assim permanecido até 1911, quando passou a chamar-se Vila Gomes, desmembrando-se de Alfenas por força da Lei Estadual nº 556/11.

No período da freguesia, destacou-se a figura do inesquecível Padre Antonio Mariano Pimentel, vigário principal e responsável pelo desenvolvimento vertiginoso verificado no povoado, razão porque o seu nome acabou perenizado no coração do povo numa rua central da cidade.

Pela Lei Estadual nº 747, de 20 de setembro de 1919, o nome da cidade foi trocado para Areado, como assim o é até hoje. No dia 10 de setembro de 1825, pelo Decreto-lei Estadual nº 893, acabou sendo considerada cidade, realizando-se sua emancipação político-administrativa.

Esse breve relato histórico sobre a fundação e desenvolvimento natural da cidade de Areado, conduz-nos todos à lembrança e gratidão aos homens e mulheres do passado e do presente, anônimos ou identificados, que não mediram e não medem esforços para o progresso do município, para promoção da paz, para investir na educação e na saúde e, em especial, para reduzir a distância odiosa que separa os ricos dos pobres, dentre eles, em particular os diligentes prefeitos e todos os vereadores.

*João Pedro Palmieri – advogado
Folha Areadense- Ano 2004
Arquivo: Museu Municipal
“ Monsenhor Faria”
Areado – MG*

A decorative border consisting of a repeating pattern of stylized fish icons, arranged in a rectangular frame around the central text.

Prefeitos de Areado

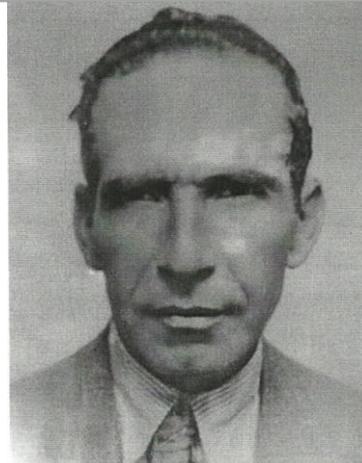
A História... nós a construímos juntos



ANTÔNIO HIGINO DA SILVA
1912 a 1918



ÁLVARO FARIA PEREIRA
1918 a 1927



JOAQUIM RIBEIRO PEREIRA
1927 a 1936 e 1937 a 1945



VIRGÍLIO VIEIRA ROMÃO
1936 a 1937



DR. JOSÉ CUSTÓDIO DE OLIVEIRA
04/07/1945 a 29/11/1945, de
06/05/1946 a 14/1/1947,
08/12/1947 a 01/02/1951



VALERIANO FARIA VIEIRA
1951 a 1955



DR. FRANCISCO PIO DA SILVEIRA
1959 A 1963



OSÓRIO ANDRÉ FARIA VIEIRA
1963 a 1967



IZEQUIAS BORGES PEREIRA
1955 a 1959 e 1967 a 1971



JOÃO ALÍPIO PEREIRA
1971 a 1973



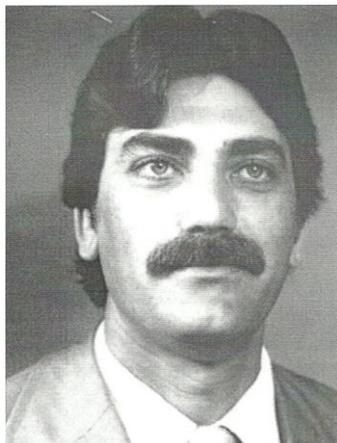
VENERANDO BRAZ DA SILVEIRA
1973 1977 e 1983 a 1988



JOSÉ CARLOS VIEIRA DA SILVEIRA
1986 a 1988



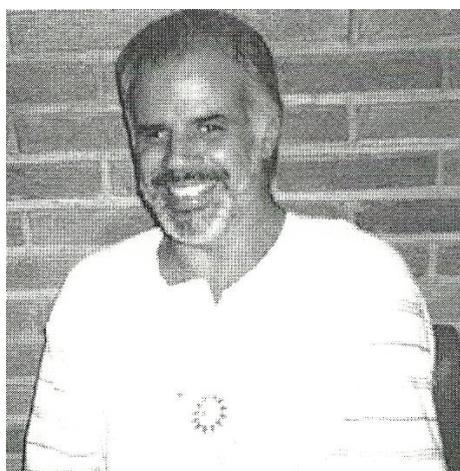
WELLINGTON AMARAL
1989 a 1992



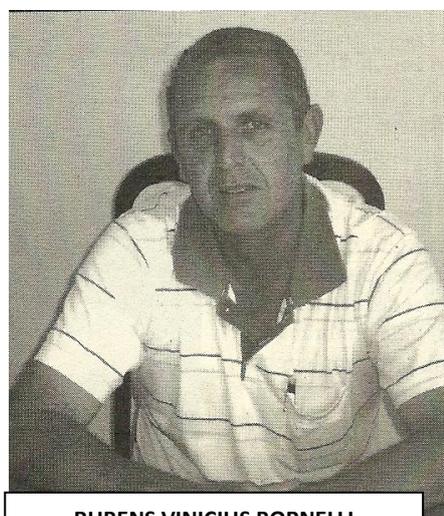
HOMERO BATISTA DOS SANTOS
1977 a 1982 e 1993 a 1996



ANTÔNIO CARLOS GALLO
2001 a 2004



PEDRO FRANCISCO DA SILVA
1997 a 2000 e 2005 a 2008 e 2009 a julho
de 2010



RUBENS VINICIUS BORNELLI
Julho de 2010 a 2016

Por que o nome Areado?

Segundo relatos, o nome Areado foi dado devido à grande quantidade de areia fina existente na região. Desde os tempos coloniais, os descobridores de minas chamavam de areados os lugares planos e arenosos, geralmente as beiras dos rios, ou ainda qualquer terreno onde há mais areia fina como nas margens de rios e córregos. A prosódia vulgar mineira é “ariado”. Relata-se ainda, que as caravanas de boiadeiros que passavam pela região aproveitavam a areia fina das margens dos rios e córregos para arear os utensílios de cozinha.

*Arquivo: Museu Municipal
“Monsenhor Faria”
Areado – MG*

POR QUE BISCOITEIRO?

Dizem que mineiro, além daquilo que consta no manual do bom mineiro, é também, um bom contador de histórias. Por isso, estou sempre contando casos do Areado.

Já tive a oportunidade de juntar num caderno ilustrado com caricaturas, uma seleção de tipos populares, que fazem parte do folclore areadense e ficaram gravados na memória da minha infância.

Uma expressão hilariante, jocosa, que se tornou generalizada, é ostentada com orgulho pelos areadenses: o apelido de “biscoiteiro”.

Vamos recorrer à história. São Sebastião do Areado, fundada em 25 de abril de 1823, era distrito de Villa Formosa, hoje, a grande cidade de Alfenas.

No ano de 1911, foi criado o município de Villa Gomes, jurisdicionado à comarca de Alfenas e sob o domínio político do partido Republicano Mineiro.

Em 1916, surgiu o primeiro movimento de rebeldia contra a política de Alfenas: um abaixo assinado, liderado pelo vereador Álvaro Faria Pereira e seu primo, o deputado João Leão de Faria, percorreu todo o município, protestando contra o nome de Villa Gomes.

O Germal, jornal editado na Villa, em 1918, publicava na sua última página, anúncios de casas comerciais, como Salão de Barbeiro, Onofre Paiva, Praça Wenceslau Brás, Villa: Casa lealdade, Fortunato Rodrigues do Prado, Fazendas e Armarinhos, Rua Visconde de Ouro Preto; Villa Gomes, Pharmácia, São Geraldo, Pharmaceutico Álvaro Faria Pereira; Villa de Areado, portanto, três nomes diferentes.

Em 1919, com a renúncia do Cel. Antonio Hygino da Silva, do cargo de Agente Executivo e Presidente da Câmara Municipal, assume o cargo, o vereador Álvaro Faria Pereira.

O primeiro trabalho seu que prestou um grande serviço ao município foi à mudança do nome de Vila Gomes, para Villa do Areado, conforme projeto: Emenda nº 15 de agosto de 1919, apresentado pelo deputado estadual, Dr. João Leão de Faria.

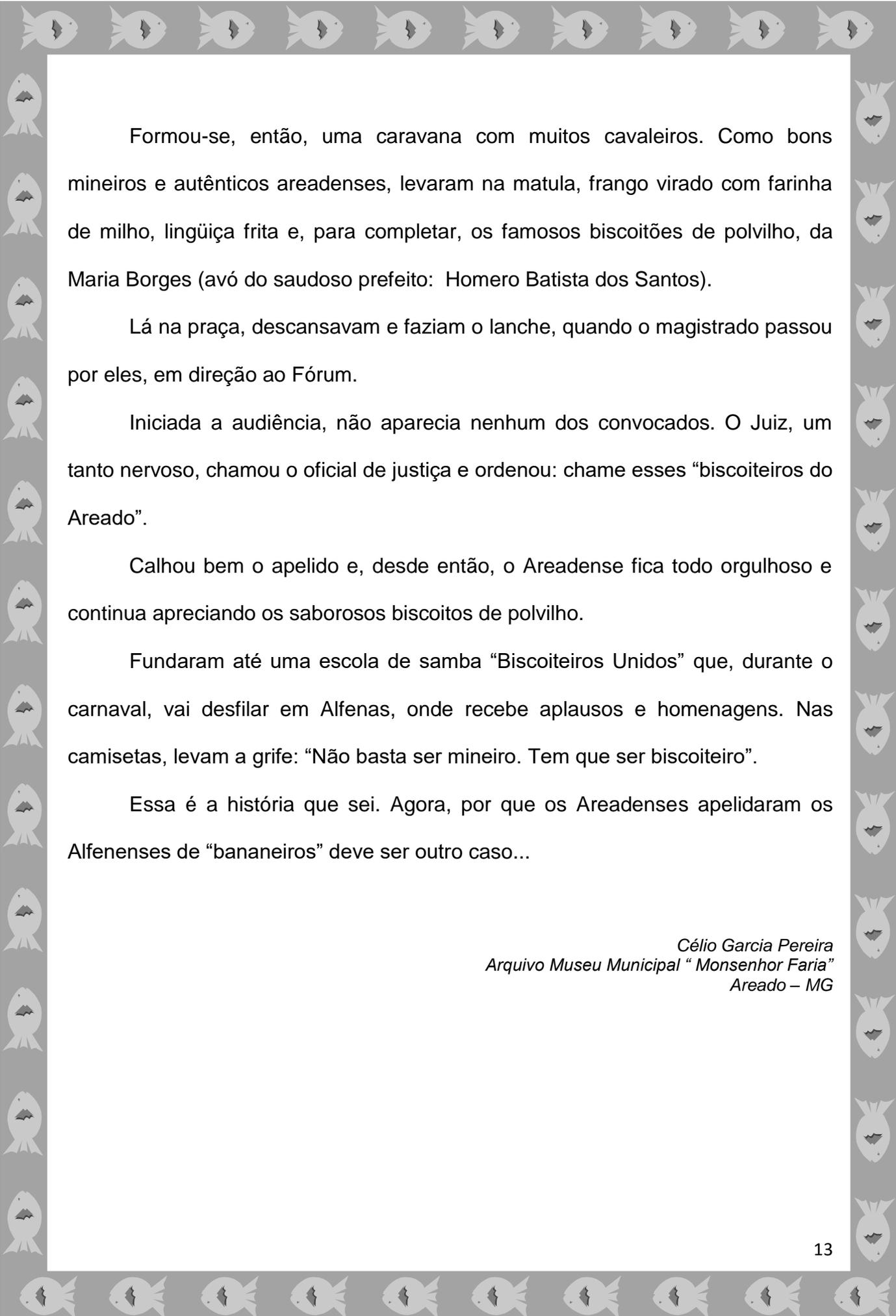
Com isso, criou-se certa animosidade entre Alfenenses e Areadenses.

A presença de Areadenses no Fórum de Alfenas era muito freqüente: como testemunhas, jurados e interessados em causas jurídicas.

Naquela época, o meio de transporte mais rápido era o cavalo, pois Areado distava quatro léguas de Alfenas. Pela estrada de ferro, Rede Sul Mineira, perdia-se muito tempo; a começar pelo transporte da Villa para a estação de Areado: tomava-se às cinco horas da manhã, um tróley, do Zé Bulheiro ou do Filéto Marcondes, para embarcar no trem das seis horas, com destino a Três Corações e Cruzeiro. Após uma hora de viagem, fazia-se uma baldeação na estação de Gaspar Lopes, ramal de Alfenas e Machado e, somente pelas dez horas, chegava-se a Alfenas. No retorno, era o mesmo trajeto e os trens chegavam sempre atrasados.

No período das chuvas, as enchentes dos rios Cabo Verde e Muzambo, deixavam o Areado ilhado, sem comunicação para os municípios vizinhos.

Certa ocasião houve uma convocação judiciária, para diversas pessoas: homens e mulheres.



Formou-se, então, uma caravana com muitos cavaleiros. Como bons mineiros e autênticos areadenses, levaram na matula, frango virado com farinha de milho, lingüiça frita e, para completar, os famosos biscoitões de polvilho, da Maria Borges (avó do saudoso prefeito: Homero Batista dos Santos).

Lá na praça, descansavam e faziam o lanche, quando o magistrado passou por eles, em direção ao Fórum.

Iniciada a audiência, não aparecia nenhum dos convocados. O Juiz, um tanto nervoso, chamou o oficial de justiça e ordenou: chame esses “biscoiteiros do Areado”.

Calhou bem o apelido e, desde então, o Areadense fica todo orgulhoso e continua apreciando os saborosos biscoitos de polvilho.

Fundaram até uma escola de samba “Biscoiteiros Unidos” que, durante o carnaval, vai desfilar em Alfenas, onde recebe aplausos e homenagens. Nas camisetas, levam a grife: “Não basta ser mineiro. Tem que ser biscoiteiro”.

Essa é a história que sei. Agora, por que os Areadenses apelidaram os Alfенenses de “bananeiros” deve ser outro caso...

*Célio Garcia Pereira
Arquivo Museu Municipal “ Monsenhor Faria”
Areado – MG*

Saudades...



Dona Maria Borges

*Arquivo: Museu Municipal
Memorial "Monsenhor Faria"*

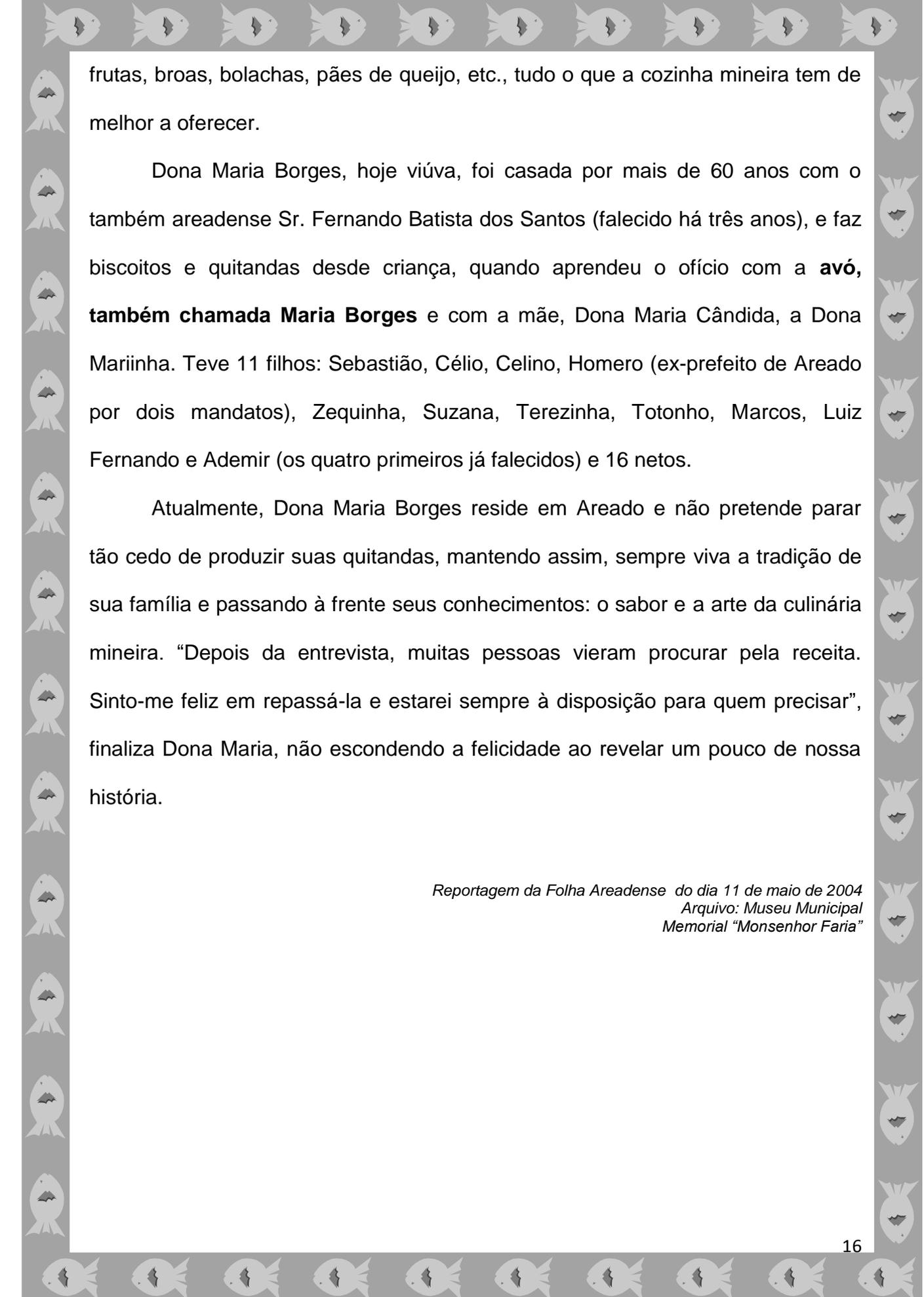
DE BISCOITO E BISCOITEIROS CEM ANOS DE TRADIÇÃO

“Areadenses somos todos nós. Merecemos ser chamados de “biscoiteiros”. Biscoiteiro é o que vende biscoito. Biscoito é a massa de fécula cozida em forno. Não é o “comedor” de biscoito, como se pensa quando nos chamam de “biscoiteiro”. Uma das características de nossa gente é “abiscoitar” quem a visita. “Abiscoitar” é “empenhar, arranjar, alcançar o que se quer”. Por isso, somos “biscoiteiros”, porque somos capazes de vencer obstáculos. Somos resolvidos.

Para nós, areadenses, é elogio o chamado de “biscoiteiro” (Eneida). Essa é a melhor definição de “ biscoiteiro” encontrada por uma articulista areadense. Ela nos revela o que somos em essência: “ biscoiteiros”, aqueles que “abiscoitam” o que querem; que trazem na alma, bem entranhado o espírito apurado de cidadãos areadenses. E agora, em comemoração aos cem anos de tradição na arte de fazer biscoitos, ofício que deu fama a nossa cidade, a mais afamada “biscoiteira” de Areado, Dona Maria Borges, foi entrevistada pela equipe da EPTV, dia 27 de abril de 2004, mostrando como se faz aqui o bom e tradicional biscoito de polvilho ou farinha.



Além de uma enorme quantidade e variedade de biscoitos a experiente, simpática e paciente (foram mais de duas horas entre entrevistas e gravações) cozinheira areadense nos brindou com uma variada mesa de quitutes: bolos,



frutas, broas, bolachas, pães de queijo, etc., tudo o que a cozinha mineira tem de melhor a oferecer.

Dona Maria Borges, hoje viúva, foi casada por mais de 60 anos com o também areadense Sr. Fernando Batista dos Santos (falecido há três anos), e faz biscoitos e quitandas desde criança, quando aprendeu o ofício com a **avó, também chamada Maria Borges** e com a mãe, Dona Maria Cândida, a Dona Mariinha. Teve 11 filhos: Sebastião, Célio, Celino, Homero (ex-prefeito de Areado por dois mandatos), Zequinha, Suzana, Terezinha, Totonho, Marcos, Luiz Fernando e Ademir (os quatro primeiros já falecidos) e 16 netos.

Atualmente, Dona Maria Borges reside em Areado e não pretende parar tão cedo de produzir suas quitandas, mantendo assim, sempre viva a tradição de sua família e passando à frente seus conhecimentos: o sabor e a arte da culinária mineira. “Depois da entrevista, muitas pessoas vieram procurar pela receita. Sinto-me feliz em repassá-la e estarei sempre à disposição para quem precisar”, finaliza Dona Maria, não escondendo a felicidade ao revelar um pouco de nossa história.

*Reportagem da Folha Areadense do dia 11 de maio de 2004
Arquivo: Museu Municipal
Memorial “Monsenhor Faria”*

RECEITA

Biscoito de Farinha

Dona Maria Borges

Ingredientes:

- 2 ovos;
- 2 copos (americano) de farinha de milho;
- 1 Kg de polvilho azedo;
- 1 colher de sal;
- 1 colher de banha;
- 1 copo de leite;
- 1 copo de água;

Modo de fazer

Encharcar a farinha com leite e deixar inchar. Sovar bem o polvilho umedecido com água.

Misturar o polvilho sovado com a farinha e sová-los novamente com o sal. Ferver a banha, o leite e a água. Colocar sobre o polvilho já sovado com a farinha e misturar bem. Colocar os ovos e fazer a mistura. Colocar água e amassar muito bem até o ponto e enrolar.

PERSONAGENS POPULARES DE AREADO – MG

João Mulato

Velho carreiro, que morava na antiga Dedanca, bairro do Rosário.

Naquela época, depois de trabalhar quase toda a vida na roça, a aposentadoria era morar na Vila, onde se faziam pequenos serviços: capinar hortas, rachar lenha, matar porco, etc.

A sua mulher, Siá Claudina, era parteira (curiosa); com isso, ela ajudava o marido.

Já na sua velhice, apareceu-lhe uma doença que o impossibilitava de andar: uma ptose palpebral bilateral, que é a queda das pálpebras sobre os olhos. Doença congênita familiar, mas o caso dele foi devido a lesões dos nervos oculares, com comprometimento dos músculos elevadores das pálpebras.

Procurou médicos e farmacêuticos, fez promessas e benzimentos, apelou até para o JOÃO RUELA, mas não obteve melhora. Andava pelas ruas, amparando as pálpebras com as mãos para manter os olhos abertos. Vivia triste, não fazia mais parte das congadas.

Certo dia aparece o JOÃO MULATO com uma borracha ao redor da cabeça, franzindo a pele da sua testa para elevar as pálpebras e poder enxergar.

Vejam só, a sua criatividade! Não foi orientação médica, foi idéia dele mesmo. Embora não existisse, naquela época, a cirurgia plástica para fazer a correção, ele inventou um suporte de borracha e fez a prótese necessária para poder enxergar. Viveu feliz, por muito tempo.

BEM AVENTURADOS OS PUROS E OS MANSOS DE CORAÇÃO, PORQUE DELES É O REINO DO CÉU

Essa máxima cabe bem a ele, ao Zezinho, que, quando jovem, tinha uma força descomunal: levantava uma saca de café com os dentes. No entanto, jamais levantou um só dedo contra qualquer pessoa. Não era de briga e adorava os amigos, aos quais dedicou sincera amizade durante toda a sua humilde vida. Guardava fotos daqueles a quem queria bem com muito carinho.

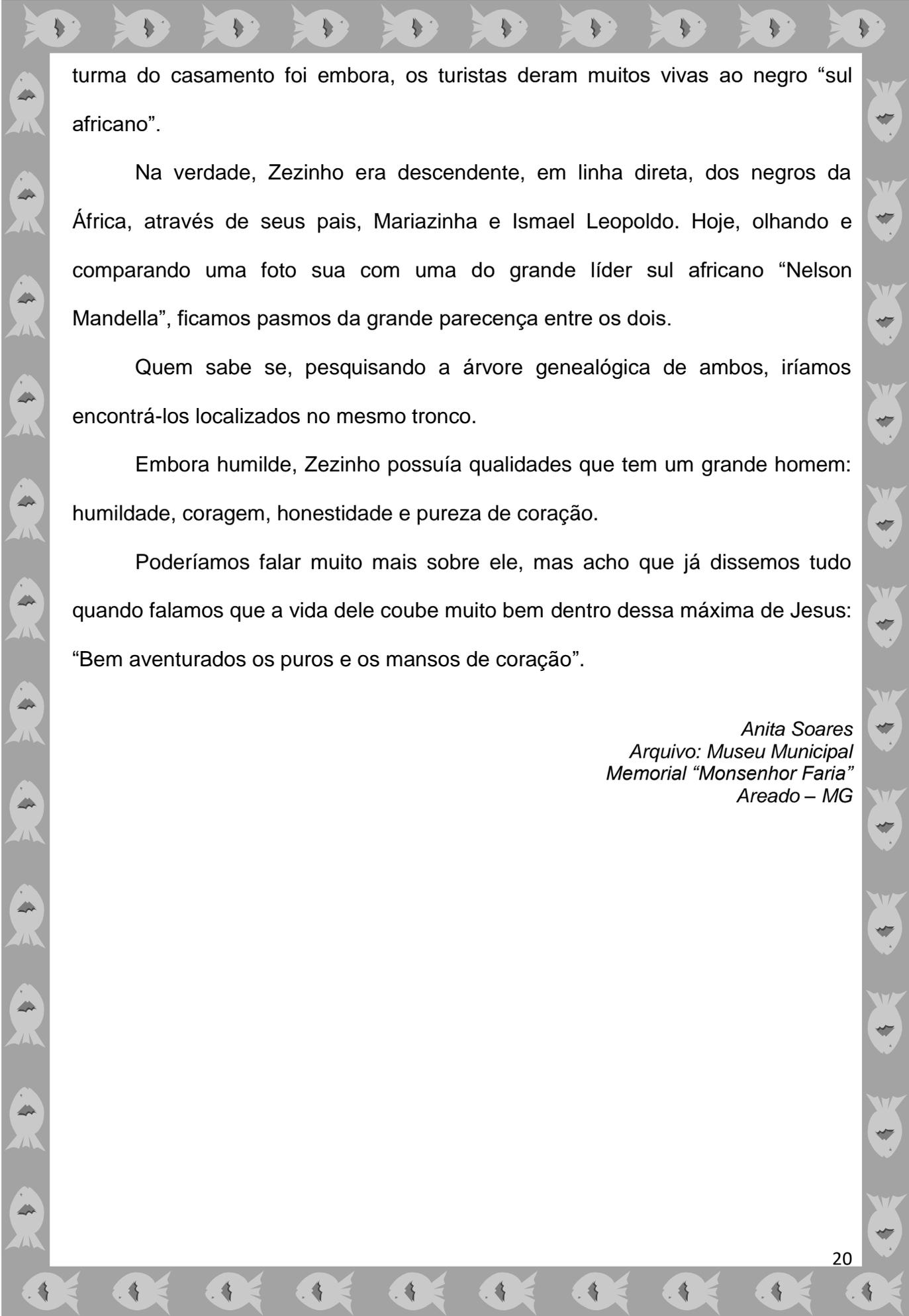
Em menino, vítima de uma meningite, ficou surdo e quase mudo. Falava aos socos, numa linguagem original e diferente e, assim, conseguia se comunicar com os outros. A maioria das pessoas o compreendia razoavelmente e algumas, de maneira total.

Zezinho era muito estimado e gostava de comparecer aos casamentos e enterros dos areadenses.

Conta-se um fato muito interessante a respeito desse seu modo de falar.

Certa vez, foi ao casamento da Lourdes Pereira, filha de Dona Bitá com Joãozinho Nanetti, de Machado. O casamento foi em Aparecida do Norte. Depois do casamento, os convidados passaram por São Lourenço e junto com eles, estava o Zezinho.

No hotel, os turistas ouviram aquele seu modo estranho de falar e foram se achegando, com curiosidade. Os rapazes da família da noiva resolveram fazer uma brincadeira e mentiram que o Zezinho era original de um país sul africano e estava em visita ao Brasil. Todos ficaram encantados e o aplaudiram. Quando a



turma do casamento foi embora, os turistas deram muitos vivas ao negro “sul africano”.

Na verdade, Zezinho era descendente, em linha direta, dos negros da África, através de seus pais, Mariazinha e Ismael Leopoldo. Hoje, olhando e comparando uma foto sua com uma do grande líder sul africano “Nelson Mandella”, ficamos pasmos da grande semelhança entre os dois.

Quem sabe se, pesquisando a árvore genealógica de ambos, iríamos encontrá-los localizados no mesmo tronco.

Embora humilde, Zezinho possuía qualidades que tem um grande homem: humildade, coragem, honestidade e pureza de coração.

Poderíamos falar muito mais sobre ele, mas acho que já dissemos tudo quando falamos que a vida dele coube muito bem dentro dessa máxima de Jesus: “Bem aventurados os puros e os mansos de coração”.

*Anita Soares
Arquivo: Museu Municipal
Memorial “Monsenhor Faria”
Areado – MG*

Ismael Leopoldo

Era carcereiro. Morava na antiga Rua Tiradentes, perto da caixa de água.

O seu pequeno salário não dava para sobreviver, por isso resolveu ser “curandeiro”. A sua primeira iniciativa foi adquirir um anel, tipo popular, com uma pedra verde, que ostentava no dedo indicador da mão direita, era doutor...

O seu trabalho espiritual era inferior ao do JOÃO RUELA. Preparava garrafadas, arranjava casamentos e outras coisas mais, relacionadas à magia. Com isso, era muito procurado e tinha boa clientela.

Certa vez ela apareceu na farmácia do papai e disse:

__ Sô Arvo, estou passando mal, com uma dor de lado, na costela, vê se me arranja um remédio bom.

O Sô Arvo entrou no laboratório, arranjou um vidro de 60 gramas, colocou essência de Terebentina e colou um rótulo de “Uso Externo”, dizendo:

__ Não é para tomar, somente para passar onde dói.

Após aquela cura, todos os dias, apareciam receitas do Ismael, dizendo

Para fulano de tal.

Uso Externo – 1 vidro.

Não é para tomar, só passar onde dói.

Em nenhuma outra farmácia, havia o tal remédio, só na farmácia do Sô Arvo.

*Célio Garcia Pereira
Arquivo: Museu Municipal
Memorial “ Monsenhor Faria” - Areado – MG*



JOÃO RUELA

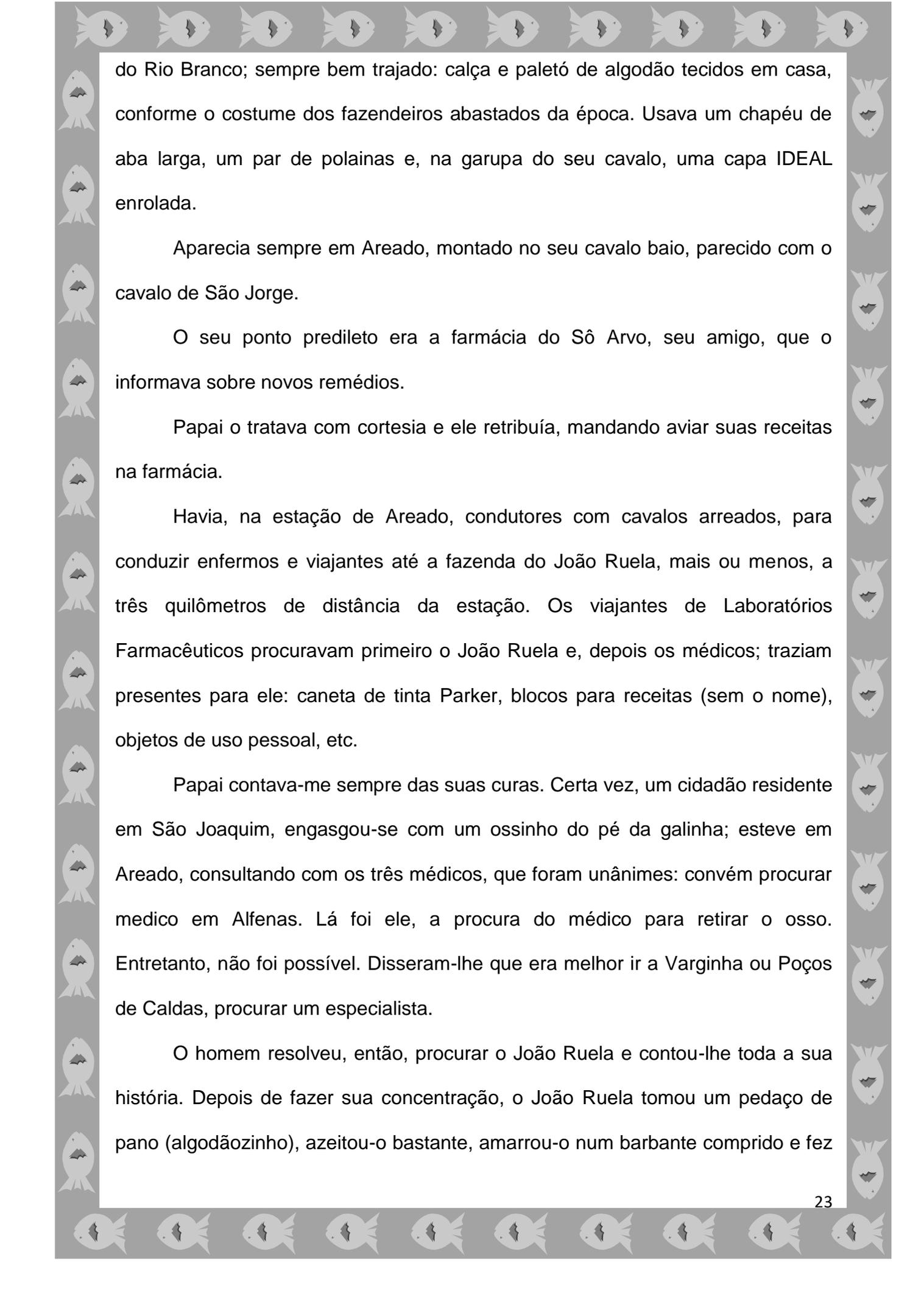
*Desenho de Célio Garcia Pereira
Arquivo: Museu Municipal
Memorial “ Monsenhor Faria”
Areado – MG*

Curandeiros

Durante anos os curandeiros marcaram suas presenças em Areado. Alguns por misticismo, outros usavam as raízes da flora brasileira para cura de doenças. Eram chamados de “raizeiros” e muitos apelavam para os benzimentos, defumações e rituais das ciências ocultas.

JOÃO RUELA era um místico. Usava de todos os meios para a cura de males. Era fazendeiro, homem sério e trabalhador, fazia caridade, mas usufruía do seu trabalho espiritual, como fonte de renda. A sua residência, no alto da Serra Negra, era de difícil acesso.

Tornou-se famoso em toda a região; a sua figura folclórica faz parte da história de Areado. Era pouco calvo, um bigode branco grande, igual ao do Barão



do Rio Branco; sempre bem trajado: calça e paletó de algodão tecidos em casa, conforme o costume dos fazendeiros abastados da época. Usava um chapéu de aba larga, um par de polainas e, na garupa do seu cavalo, uma capa IDEAL enrolada.

Aparecia sempre em Areado, montado no seu cavalo baio, parecido com o cavalo de São Jorge.

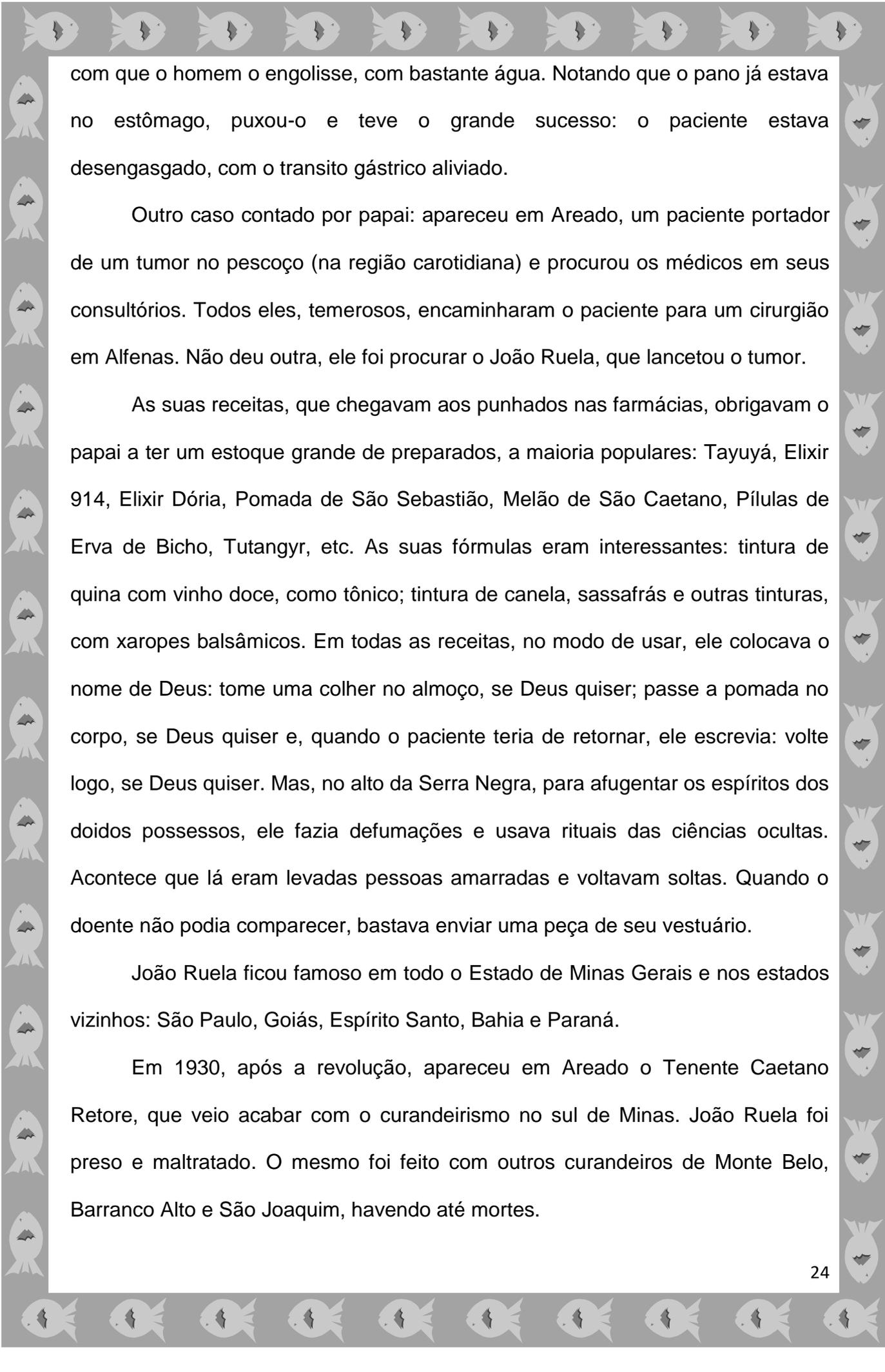
O seu ponto predileto era a farmácia do Sô Arvo, seu amigo, que o informava sobre novos remédios.

Papai o tratava com cortesia e ele retribuía, mandando aviar suas receitas na farmácia.

Havia, na estação de Areado, condutores com cavalos arreados, para conduzir enfermos e viajantes até a fazenda do João Ruela, mais ou menos, a três quilômetros de distância da estação. Os viajantes de Laboratórios Farmacêuticos procuravam primeiro o João Ruela e, depois os médicos; traziam presentes para ele: caneta de tinta Parker, blocos para receitas (sem o nome), objetos de uso pessoal, etc.

Papai contava-me sempre das suas curas. Certa vez, um cidadão residente em São Joaquim, engasgou-se com um ossinho do pé da galinha; esteve em Areado, consultando com os três médicos, que foram unânimes: convém procurar medico em Alfenas. Lá foi ele, a procura do médico para retirar o osso. Entretanto, não foi possível. Disseram-lhe que era melhor ir a Varginha ou Poços de Caldas, procurar um especialista.

O homem resolveu, então, procurar o João Ruela e contou-lhe toda a sua história. Depois de fazer sua concentração, o João Ruela tomou um pedaço de pano (algodãozinho), azeitou-o bastante, amarrou-o num barbante comprido e fez



com que o homem o engolissem, com bastante água. Notando que o pano já estava no estômago, puxou-o e teve o grande sucesso: o paciente estava desengasgado, com o trânsito gástrico aliviado.

Outro caso contado por papai: apareceu em Areado, um paciente portador de um tumor no pescoço (na região carotidiana) e procurou os médicos em seus consultórios. Todos eles, temerosos, encaminharam o paciente para um cirurgião em Alfenas. Não deu outra, ele foi procurar o João Ruela, que lancetou o tumor.

As suas receitas, que chegavam aos punhados nas farmácias, obrigavam o papai a ter um estoque grande de preparados, a maioria populares: Tayuyá, Elixir 914, Elixir Dória, Pomada de São Sebastião, Melão de São Caetano, Pílulas de Erva de Bicho, Tutangyr, etc. As suas fórmulas eram interessantes: tintura de quina com vinho doce, como tônico; tintura de canela, sassafrás e outras tinturas, com xaropes balsâmicos. Em todas as receitas, no modo de usar, ele colocava o nome de Deus: tome uma colher no almoço, se Deus quiser; passe a pomada no corpo, se Deus quiser e, quando o paciente teria de retornar, ele escrevia: volte logo, se Deus quiser. Mas, no alto da Serra Negra, para afugentar os espíritos dos doidos possessos, ele fazia defumações e usava rituais das ciências ocultas. Acontece que lá eram levadas pessoas amarradas e voltavam soltas. Quando o doente não podia comparecer, bastava enviar uma peça de seu vestuário.

João Ruela ficou famoso em todo o Estado de Minas Gerais e nos estados vizinhos: São Paulo, Goiás, Espírito Santo, Bahia e Paraná.

Em 1930, após a revolução, apareceu em Areado o Tenente Caetano Retore, que veio acabar com o curandeirismo no sul de Minas. João Ruela foi preso e maltratado. O mesmo foi feito com outros curandeiros de Monte Belo, Barranco Alto e São Joaquim, havendo até mortes.

Após esse episódio, ele parou por algum tempo, depois voltou a clinicar, aumentando, ainda mais, a sua clinica e sua fama. Papai gostava muito dele.

Em 1943, eu residia em Nipoã, Estado de São Paulo, quando recebi uma carta de papai, oferecendo-me a Fazenda Serra Negra: 54 alqueires, por 350 contos. João Ruela estava doente e pediu a papai que me escrevesse sobre a venda da fazenda.

Soube que faleceu em consequência de *problemas urinários. Foi um homem trabalhador, caridoso e deixou o seu nome na história de Areado.

*Faleceu de infarto, informado pela família em 2020.

Outros curandeiros:

- José Vieira
- Ismael Leopoldo
- Genseric
- José Amâncio
- João Pio
- Benedito Curadô

Parteiras

- Tia Eva
- Tia Camila,
- Tóta Marcondes
- Siá Claudina do João Mulato
- Siá Maria do Antonio Joaquim
- Siá Galdina do Marcelino (Taquareiro)

Benedeiros

- José Roque Magalhães (o velho)
- Dona Tereza Bianchini
- Tia Maria Rita do João Pedro

Pessoas Caridosas

- Siá Filipa Eulália dos Santos (Mulher do Joaquim Cotia)
- Dona Aurélia Figueiredo

Rezadores de terço

- Dona Dalica dos Santos
- Siá Maria Tereza
- Angelo da Siá Tereza
- Julio Juliano
- Tia Romana
- Presciliana (filha da Tia Romana)

Congadas

- José Lino (Capitão)
- Chico Mulato
- Zé Curto
- Zé Lucas
- Olimpio Lucas
- Aurélio
- Orniço
- Chico Congo
- João Mulato

*Célio Garcia Pereira
Arquivo: Museu Municipal
Memorial “ Monsenhor Faria”
Areado – MG*

**ELABORAÇÃO E REDAÇÃO FINAL:
SILVANA MARIA DE FARIA SILVA – PROFESSORA MUNICIPAL**

**COLABORAÇÃO:
MARIA GORETI DA SILVA - CURADORA DO MUSEU MUNICIPAL “MONSENHOR FARIA**

AREADO

MORADA DOS PEIXES

PARAISO DOS PESCADORES

TERRA DE BISCOITEIROS

